

AGRONEGÓCIO

Indústria de proteína animal mantém expansão no mercado global

Em novembro as exportações de carne de frango aumentaram 16,5% na comparação com 2023

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A performance nacional dos setores de aves, suínos e ovos foi de superação de recordes, consolidando o País como grande player desses segmentos no mercado internacional. Apesar da diminuição importante nas compras pela China, maior parceiro comercial do Brasil, a diversificação de destinos e o crescimento da presença dos produtos nacionais em outros países compradores mostram a importância e o respeito alcançado junto ao mercado internacional, destaca a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

E a tendência para os próximos anos é de expansão de mercados, crescimento da produção e de abastecimento global, sem deixar de atender o consumidor interno.

“Houve crescimento expressivo nas exportações em oito dos 10 principais destinos das exportações de carne de frango do Brasil em novembro, mês que foi marcado por forte elevação comparativa, considerando também o fato que novembro de 2023 registrou o menor desempenho mensal daquele ano. As exportações de carne acumularam altas consecutivas nos últimos três meses e devem confirmar as previsões positivas do setor para 2024”, avalia o presidente da ABPA, Ricardo Santin.

No RS, a indústria de carne de frango registrou queda de 5,3% nas exportações de janeiro a novembro de 2024 sobre o mesmo período de 2023.



ABPA/DIVULGAÇÃO/JC

Doença de Newcastle deixou prejuízo estimado de R\$ 173 milhões

Os embarques ficaram em 636,1 mil toneladas, queda de 35,2 mil toneladas. Parte importante desse resultado se deve à ocorrência de um foco da doença de Newcastle em uma granja comercial de Anta Gorda, em julho. O setor vinha com expectativas e estimativas de crescimento na ordem de 3% a 4%, resultado que não será alcançado.

O episódio no Vale do Taquari levou à interrupção das vendas externas, que vêm sendo retomadas aos poucos após o encerramento do caso. O prejuízo estimado com a enfermidade foi de R\$ 173 milhões, referente a 35,2 mil toneladas que deixaram de ser exportadas no período.

Conforme a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), foi preciso buscar a retomada de alguns mercados e o redirecionamento dos embarques para países que restringiam as exportações apenas no raio de 10 km do local. Assim, em novembro as exportações de

carne de frango do Rio Grande do Sul aumentaram 16,5% na comparação com o mesmo período de 2023, que embarcou 55,9 mil toneladas.

No setor de ovos, houve ligeiro crescimento no acumulado de janeiro a novembro de 2024, na ordem de 2,6%. Conforme a entidade, o número é indício de retomada acelerada da exportação da proteína ovos, que a cada ano vem conquistando mais espaço no mercado externo.

“Estamos em busca de recuperação. Com a realização da grande Conferência Brasil da Indústria e Produção da Carne de Frango, em Gramado, passamos uma importante mensagem que estamos prontos para recuperar mercados e atender aquelas centenas de importadores que fidelizamos ao longo da trajetória pujante das nossas exportações”, disse José Eduardo dos Santos, presidente da Organização Avícola do RS (Asgav/Sipargs).

Cadeia leiteira busca estabilidade e previsibilidade nos preços

A realização de contratos futuros de compra e venda de leite, permitindo a previsibilidade e planejamento para investir, é uma das principais lutas dos produtores do setor para 2025. Afinal, pela falta de circunstâncias como essas e pelas dificuldades causadas por problemas climáticos – que impactam na alimentação dos animais e na produção – metade das famílias que atuavam na atividade desistiram nos últimos 10 anos. Produtores e indústrias defendem também preços mais estáveis e condições de competitividade com produtos do exterior.

Para o presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando), Marcos Tang, saber quanto vai receber pelo litro de leite entregue é o mínimo que se pode esperar para a implementação de avanços tecnológicos.

“É com isso que podemos assegurar a qualidade e a sanidade dos produtos, bem como todas as exigências legais, com as quais concordamos. Mas, ao contrário, vivemos incertezas. E, além do mais, quando o preço sobe, é degrau por degrau. Mas quando cai, desce de elevador.”

Segundo o dirigente, o Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Rio Grande do Sul (Conseleite/RS) tem feito um debate mais maduro, mas ainda é preciso avançar mais.

Tang lembra que as sucessivas estiagens de anos anteriores impuseram grandes desafios ao produtor. E que a enchente de maio levou pastos semeados, solo e, em alguns locais, as próprias vacas e instalações.

“O ano de 2024 foi de alguma estabilidade. Até novembro não havia quedas (de preço) mais importantes. Mas todo fim de ano há tendência de queda de remuneração ao produtor, o que complica bastante, porque a produção cai com o estresse térmico a que são submetidos os animais, afetando a

produção de alimentos e a produção de leite.”

A preocupação com a questão da previsibilidade dos preços e com os efeitos das mudanças climáticas sobre os plantéis é compartilhada pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetagr-RS). Para o vice-presidente da entidade, Eugênio Zanetti, 2025 deverá trazer aumento dos custos de produção, principalmente por conta da elevação da cotação do dólar. E, com a redução dos preços no final do ano, ao contrário da estabilidade verificada ao longo de 2024, surge um alerta de que o próximo ano seja de rentabilidade pressionada.

“Com as mudanças climáticas, a produção agrícola, essencial para a alimentação dos rebanhos, é afetada. Apesar de ser uma atividade pecuária, a produção leiteira depende diretamente da agricultura, tornando as alterações no clima, como secas prolongadas ou enchentes, um fator crítico para o setor que afetam pastagens, a silagem, e os grãos para a ração concentrada.”

Zanetti ressalta que condições climáticas extremas afetam diretamente a saúde dos animais e seu desempenho. No Centro-Oeste, por exemplo, queimadas e a redução da produtividade devido ao clima afetaram o abastecimento.

Embora a produção no RS tenha se mantido estável ou com leves reduções, o impacto climático em outras regiões acabou influenciando o setor como um todo. Entretanto, a oferta menor também proporcionou a estabilidade dos preços em 2024.

Por conta das enchentes, a produção de leite diminuiu em maio e junho, principalmente. E problemas logísticos também foram obstáculo importante, observa Darlan Palharini, secretário executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat).

JUNTOS NA RECONSTRUÇÃO DO FUTURO

O Rio Grande do Sul se fortalece a cada passo que damos, e o mercado imobiliário é um dos pilares dessa transformação.

Representando as imobiliárias e os condomínios, o SECOVI/RS-AGADEMI fortalece a base do setor imobiliário e da construção civil como um todo. Seja por meio da capacitação contínua ou pela atuação firme e representativa, nosso compromisso é crescer juntos, oferecendo um apoio que impulsiona o desenvolvimento.

Somos parceiros da retomada do RS, contribuindo para a construção de um Estado mais forte e próspero.



Escaneie o qr code e
acesse o canal do
whatsapp do Secovi/RS



CONHEÇA O SECOVI/RS-AGADEMI. Acompanhe nossas redes sociais

